

# PROJETO DE ARQUEOLOGIA SIMULADA DESENVOLVIDO NA ETEC GILDO MARÇAL BEZERRA BRANDÃO

Arlen Nunes de Souza<sup>1</sup>

## Introdução

Em que consiste o trabalho do arqueólogo?

Qual a importância de se revelar ao mundo aspectos de uma cultura que não mais existe?

Foi com essas perguntas direcionadas aos alunos do 1º ano EM da Escola Técnica Gildo Marçal Bezerra Brandão que se deu início a atividade intitulada “arqueologia simulada”. Contando com material e curso oferecidos pelo Museu de Arqueologia e Etnologia (MAE), da Universidade de São Paulo, foi possível recriar, dentro da escola, um sítio arqueológico fictício com o objetivo de inserir o aluno no ainda desconhecido mundo da arqueologia.

Antes da aula prática, ainda em sala de aula, foi feita uma sondagem com os alunos acerca de seus conhecimentos sobre o que seria a arqueologia e qual o trabalho do arqueólogo. Pude anotar algumas perguntas e colocações acerca do trabalho do arqueólogo e sobre o que seria a arqueologia.

*“Arqueólogo mexe com ossos de dinossauros não é?”*

*“A arqueologia só trata de coisas bem, bem antigas, né? Com mais de 10 mil anos!”*

*“O Indiana Jones é um arqueólogo, né?!”*

*“Eu queria ser um arqueólogo, prá achar coisas muito valiosas, de ouro e diamante, é claro!”*

Após ouvir todas as considerações sobre a arqueologia e o trabalho do arqueólogo feitas pelos alunos, percebi que esses conceitos são associações oriundas dos meios de comunicação, como a TV. Ao mencionar o personagem Indiana Jones como ícone da arqueologia, percebe-se o tamanho do equívoco com relação ao trabalho do arqueólogo e o “valor” que é dado aos objetos encontrados em um sítio, ou seja, só tem valor aquilo que é metal precioso ou uma pedra preciosa, desprezando qualquer outro tipo de material, cerâmica, ossos, conchas, artefatos líticos, entre outros. Tal situação de desprezo por peças que não têm “valor monetário” é comumente observada nos famosos seriados do pseudo-arqueólogo Indiana Jones. No entanto, a atividade proposta não tem a pretensão de transformar alunos em “arqueólogos”, muito menos habilitá-los para que saiam fazendo escavações aleatoriamente.

O trabalho de prospecção em um sítio arqueológico previamente preparado tem por objetivo fazer com que o aluno possa compreender as particularidades do trabalho do arqueólogo e como a arqueologia se relaciona/dialoga com as diversas áreas do conhecimento. A pesquisa arqueológica tem interfaces com a História, a Biologia, a Arte, a Geografia, a Física, a Química, a Matemática, a Língua Portuguesa, em suma, com praticamente todas as disciplinas. Assim, qualquer uma delas pode ser tratada dentro dos domínios da Arqueologia (McManamon, 2000). Em tempo, o trabalho do arqueólogo permite obter respostas acerca da ocupação de um determinado espaço pelos grupos humanos, bem como os aspectos culturais de seu modo de vida.

## Desenvolvimento (relato de experiência)

Após breve discussão acerca do trabalho do arqueólogo e da forma como as disciplinas se inter-relacionam em torno da arqueologia, os alunos foram orientados a formar grupos; cada

---

<sup>1</sup> E-mail: [arlen.nunes@gmail.com](mailto:arlen.nunes@gmail.com).

grupo deveria ter um nome. Após a conclusão dessa tarefa, cada grupo recebeu um “kit” contendo um pincel, uma colher de pedreiro, uma pá pequena, uma peneira, um balde e uma prancheta com uma ficha de escavação.



Foto 1: (kit de escavação) – Colher de pedreiro e Pincel

Fonte: elaboração própria



Foto 2: (kit de escavação) – Peneira e Pincel

Fonte: elaboração própria

Ao chegar ao local do “sítio”, no caso os fundos da escola, cada grupo escolheu aleatoriamente uma quadrícula onde fariam o trabalho de prospecção. Cada membro do grupo tinha uma função específica; escavar, remover a terra, peneirar o material retirado da quadrícula, catalogar os objetos encontrados e realizar o registro fotográfico de toda a atividade do grupo. Ao final, de posse dos objetos encontrados, cada grupo apresentou um relatório acerca da atividade, levantando hipóteses sobre os povos que habitaram aquela região no passado, tendo como base os vestígios arqueológicos encontrados.

Tal ação propiciou ao aluno a oportunidade de enxergar uma nova perspectiva de aprendizagem, saindo do ambiente de sala de aula, onde todos os alunos, por via de regra, devem permanecer sentados e só levantarem em casos de extrema necessidade, no “sítio” todos deveriam ficar da maneira que quisessem, de acordo com sua função perante o grupo.

A atividade foi executada pelos alunos com muito entusiasmo, ficando nítido o interesse e a curiosidade que era despertada a cada centímetro de terra removida, no afã de encontrar algum vestígio arqueológico, alguns alunos chegavam a danificar os objetos. O que não era nenhum problema, tendo em vista que dentro da arqueologia todos os objetos têm um valor cultural relevante, inteiros ou fragmentados, como podemos observar na imagem à seguir.



Fig. 3 - Fragmentos de cerâmica



Fig. 4 – Os alunos e seus achados



Fig. 5 – ossos



Fig. 6 – Alunos fazem apontamentos acerca dos objetos encontrados

Vale lembrar que a escavação é apenas uma parte das atividades do trabalho do arqueólogo; porém, esta é uma excelente atividade para introduzir o aluno nesse mundo ainda desconhecido da arqueologia. Embora alguns estudiosos critiquem tal atividade, pois acreditam que as escavações simuladas acabam passando uma imagem superficial da arqueologia, ou ainda, passam a ideia de que qualquer um possa escavar em qualquer lugar, com o intuito de encontrar algum objeto antigo e se apropriar dele. Entretanto, existem muitos outros estudiosos que veem nos sítios simulados uma excelente oportunidade de ensinar métodos e técnicas da arqueologia, além de mostrar a importância de escavações controladas e coordenadas por arqueólogos, sem prejuízo ao patrimônio arqueológico.

Após o trabalho de campo, realizado no “sítio simulado”, os alunos elaboraram relatórios, levantaram hipóteses sobre os vestígios encontrados, sobre a “civilização” a qual pertenciam tais objetos e, por fim, apresentaram suas conclusões ao professor e aos colegas, tornando esse momento de troca de informações e experiências muito enriquecedor para todos.

## Referências

FUNARI, Pedro Paulo Abreu. *Arqueologia*. São Paulo: Ática, 1988.

PROUS, André. *Arqueologia Brasileira*. Brasília: UnB, 1991.

MAE – MUSEU DE ARQUEOLOGIA E ETNOLOGIA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. *Origens e expansão das sociedades indígenas* (Guia Temático para professores). São Paulo, 1998.

GUARINELLO, Norberto Luiz. *Os primeiros habitantes do Brasil*. São Paulo: Atual Editora, 1994.